



Bengalas do Museu Municipal Santos Rocha | 2010
Legado do Conde de Vinhó e Almedina

Viver de pé

Brevíssimas palavras a propósito do uso da bengala na galanteria masculina

Irene Vaquinhas

Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Ao longo do século XIX, os rituais de galanteria nos meios burgueses assumem, com frequência, formas não verbais de comunicação, recorrendo-se a diversos modos de expressão para transmitir mensagens amorosas, seja por meio da linguagem corporal, dando-se largo destaque ao olhar, seja pela manipulação dos acessórios da moda, eventualmente objectos de uso corrente. Os adereços (tanto femininos como masculinos) são, assim, investidos de um papel importante no formulário social da época e no quadro das regras de civilidade então em vigor. Adequadamente manejados, permitiam expressar a “telegrafia do amor” e romper com os condicionalismos, de ordem moral e social, que cerceavam a convivência entre homens e mulheres.

O estar em público exigia o domínio da arte da aparência que, ao valorizar a relação visual como estímulo erótico, implicava, para as mulheres, o conhecimento do vocabulário das “luvas falantes”, dos “leques”, dos “lenços faladores”, entre outros atavios, por intermédio dos quais se mandavam “recadinhos”, das frisas para as plateias nos teatros, na ópera, nos teatros-circo ou em qualquer sala de espectáculos, nos saraus, nos jardins públicos. Quanto ao sexo masculino, a bengala, o chapéu alto, e, nos anos 1850, também o lenço branco, elementos essenciais da indumentária do homem elegante, constituíam os adereços simbólicos indispensáveis aos jogos de sedução. A teatralização da vida em sociedade implica que todos os gestos, as atitudes, os rituais, enquanto elementos de uma estratégia, fossem minuciosamente aprendidos, repetidos mil e uma vezes frente aos espelhos, que se vulgarizam nas casas burguesas, à frente dos quais se estudam vénias, posições, trejeitos, olhares, destinados a serem posteriormente reproduzidos em público.

O *Correio dos amantes*. Cartas de amor, pequeno manual da cortesia amorosa de largo alcance social, põe em relevo o papel namoradeiro da bengala num pequeno poema, onde se ensina a utilizá-la como mensageira na arte de “saber viver” em sociedade: “Também nos serve muito, uma bengala, / De auxílio ao nosso amor. / Mais grossa ou mais delgada, dá-lhe fala / Um bom namorador [...]” (s. d., pp. 62-63). Na posição de vai-vem, a mensagem era simples: “vivo num tormento”; se colocada num pé quer dizer “não fico, vou-me embora”; se segura pela ponteira, mostrava “zanguinha”. Porém, colocada ao ombro, inequivocamente traduzia-se por “sou teu, minha beleza”.

A exemplo de tantas outras personalidades que poderiam ser evocadas a este propósito, o escritor Camilo Castelo Branco, nos seus tempos de juventude, quando frequentava o círculo da *jeunesse dorée* da aristocracia portuense e vestia a rigor pelo figurino romântico (cabelos penteados para trás em artificial desalinho, botas com esporas, calças à hussardo, colete e casaca apertados, laço de gravata à Byron, capa à espanhola, luvas brancas ou de cor) não dispensava a sua bengala de cana da Índia, a qual também lhe servia muitas vezes de arma nas

tascas que frequentava com os seus companheiros, ou seja, nos "banzés" ou "chinfrins", como então se dizia (PEREIRA, 1997, p. 53).

A bengala, tal como o chapéu alto, conferiam a quem a usava aparência aristocrática, modelo social perseguido por uma burguesia em processo de ascensão na novel sociedade liberal. Num tempo de paz, passada a Guerra civil (1832-1834), a indumentária masculina da burguesia, fortemente influenciada pela elegância britânica, pauta-se por duas regras precisas: a sobriedade, por oposição ao modo de trajar fantasista da nobreza de Antigo Regime, e o seu carácter civil, não militar (RAMADA, 1997, p. 68). No novo Estado de direito, regido por outras regras que não a força das armas, a forma de trajar do homem burguês obedece a princípios de respeitabilidade, de segurança, de austeridade, de prudência, de distinção.

Na sociedade civil, a bengala veio, substituir, como acessório da moda masculina, a espada da farda militar. Embora seja um adereço pacífico não perderá de todo a função bélica, podendo-se transmutar rapidamente em instrumento de agressão e zurzir a cabeça de adversários com fortes bengaladas. Aliás, nos meios urbanos da segunda metade do século XIX, constitui um dos principais instrumentos dos crimes de ofensas corporais, sendo, a este nível, equiparável ao "pau de pastor", a principal arma da violência rural masculina, na mesma época, e objecto de exibição em brigas de feira e de romaria (VAQUINHAS, 2001, p. 301).

BIBLIOGRAFIA

O Correio dos amantes. Cartas de amor, Lisboa, Composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres, s. D.

PAIS, José Machado, Artes de amar da burguesia, Lisboa, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1986.

PEREIRA, Gaspar Martins, No Porto Romântico, com Camilo, Casa-Museu de Camilo Castelo Branco/Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1997.

RAMADA, José António Real Pereira, A indústria chapeleira portuense entre 1750 e 1852, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado).

VAQUINHAS, Irene, "Alguns aspectos da violência nos campos portugueses do século XIX", Revista de História da Sociedade e da Cultura, tomo I, 2001, pp. 285-325.